

---

# Grupo focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional

---

**Sandra Regina Gomes**

Mestranda do PPGE-Uninove;  
Professora da Rede Pública Estadual de São Paulo;  
São Paulo – SP [Brasil]  
gomes@uninove.br

Este artigo tem como objetivo compartilhar o que apreendemos e estamos vivenciando em nossa experiência: a escolha do grupo focal como recurso de pesquisa no desenvolvimento do trabalho de investigação científica no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro Universitário Nove de Julho (Uninove). Entre as abordagens qualitativas em pesquisa social, a técnica do grupo focal vem sendo recentemente adotada na área educacional, com a valorização das interações produzidas por uma condução mais flexível do grupo, consideradas elementos básicos para o processo investigativo.

**Palavras-chave:** Grupo focal. Metodologia da pesquisa. Pesquisa educacional.

## 1 Introdução

Esse texto pretende, relatar “a construção do caminho na caminhada” – itinerário e encaminhamentos procedimentais que adotamos ao avaliarmos ser a técnica/método do grupo focal a mais adequada ao objeto de nossa investigação.

Fazemos parte do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro Universitário Nove de Julho (Uninove) que tem interesse especial em pesquisar determinadas perspectivas de trabalho estabelecidas em escolas públicas, numa tentativa de compreender alguns problemas do desenvolvimento da experiência educativa.

Temos clareza de que não existem conhecimentos absolutos e definitivos, pois, estes sempre dependem de certas condições ou circunstâncias, de teorias, dos métodos e das temáticas que o pesquisador escolhe para trabalhar. É com essa compreensão que este Programa tem estimulado as pesquisas relacionadas às experiências sociais que se produzem no cotidiano da escola e que são invisíveis, muitas vezes, para aqueles que estão inseridos na dinâmica educativa. Nessa esteira, fomos induzidos a desenvolver a pesquisa: *A didicência da geografia escolar na Educação Básica*, que visa conhecer os percalços e as dificuldades vividas nas escolas públicas, buscando identificar e conhecer os momentos significativos e, muitas vezes, desconhecidos desse espaço social.

## 2 Itinerário em construção

Nosso esforço inicial foi concentrado na seleção das obras pertinentes ao objeto de nosso estudo e nas literaturas que nos dessem subsí-

dios par definição e/ou construção do caminho da investigação, da escolha da(s) técnica(s) de coleta de dados primários e/ou possíveis associações de técnicas e das formas de tratamento e refinamento das informações recolhidas ao longo desse processo.

Buscando compreender uma situação específica no campo da educação básica com base nas experiências e vivências dos educadores que constroem o cotidiano escolar e se constroem como sujeitos históricos nesse processo, optamos pela construção de um caminho alternativo em nossa investigação: a utilização da técnica/método conhecida como grupo focal.

## 3 Primeiros esclarecimentos

A metodologia do grupo focal constitui, de fato, um processo em construção no campo da pesquisa educacional. Ele é concebido apenas como uma técnica por vários autores, ou como uma estratégia de coleta de dados. Entretanto, para outros, o grupo focal é considerado um método por tratar-se de uma ação planejada, com base num quadro de procedimentos previamente conhecidos que pode comportar um conjunto diversificado de técnicas. Existe uma polêmica instaurada no campo das ciências sociais entre os pesquisadores que utilizam e concebem o grupo focal de forma diferenciada. Em áreas como a publicidade, *marketing*, saúde, planejamento e gestão, os grupos focais se configuram mais como um processo de entrevista coletiva, em que os trabalhos são desenvolvidos de forma operativa, com a adoção de procedimentos estruturados, controlados por questões específicas e num tempo determinado. Já nas áreas como a sociologia, psicologia social, antropologia cultural e, mais recentemente, na educação,

com a utilização dos grupos focais, privilegia-se o processo interacional, ou seja, são as redes de interações produzidas por uma condução mais flexível dos trabalhos os elementos básicos de um processo investigativo. É forte a tendência que afirma que o uso do grupo focal, como técnica ou como método de pesquisa, tem ampliado, cada vez mais, seus propósitos, estando eles, de certa forma, a cargo da criatividade do pesquisador.

#### 4 O que é o grupo focal

O grupo focal é constituído por um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto da pesquisa, a partir de suas experiências pessoais.

Trata-se de uma técnica qualitativa e não-diretiva, inspirada em técnicas de entrevistas não-direcionadas e grupais usadas na psiquiatria, que tem sido adaptada e empregada, há muito tempo, com diversas finalidades e em diversos contextos.

#### 5 Breve histórico do grupo focal

O grupo focal na literatura é mencionado desde os anos de 1920 como técnica em pesquisa de *marketing*. Na década de 1940, no campo da sociologia, essa técnica foi adotada por Roberto K. Merton, inicialmente em programas de rádio, para verificar os motivos das respostas nas tabelas de audiência e, mais tarde, nos trabalhos sobre a persuasão da propaganda dos esforços de guerra. Na década de 1970, torna-se comum o uso de grupos de discussão como fonte de informação em pes-

quisa, observando-se o uso dessa técnica nas pesquisas de mercado, em campanhas eleitorais e no treinamento de pessoal. A partir dos anos 1980, houve uma espécie de redescoberta e adaptação dos grupos focais e, desde então, sua utilização como meio de pesquisa tem sido intensificada por pesquisadores do campo das ciências humanas, com tradição nas pesquisas de abordagem qualitativa.

No campo educacional, tanto no Brasil quanto nos demais países da América Latina, o arcabouço teórico do grupo focal como orientador metodológico nas pesquisas teve sua origem nos acordos internacionais patrocinados pelo Estado, particularmente com o Banco Mundial, que, desde 1991, vêm viabilizando empréstimos para projetos educacionais. As diretrizes e orientações notadamente educacionais, defendidas e difundidas pelo Banco Mundial, foram, progressivamente, assimiladas por diferentes intelectuais e principalmente pelo governo brasileiro, passando a ser executadas como políticas públicas.

#### 6 As razões da nossa escolha

Apesar de cientes da origem, das críticas e das limitações dessa técnica/método, nossa escolha foi orientada pela aderência do grupo focal aos objetivos de nosso estudo, pela relevância dos dados que, com essa estratégia de investigação, pretendemos obter, mas, principalmente, por seu caráter inovador e por dar lugar à construção de saberes no processo de investigação que, com outros procedimentos, parece mais dificultosa. Essa técnica/método nos pareceu a mais adequada, uma vez que fomentaria a reflexão, com base na prática docente, dos participantes, notadamente dos sujeitos obser-

vados, com a criação de um espaço de debate e nos permitiria reunir uma razoável quantidade de informações com certo detalhamento e profundidade, em um período de tempo relativamente curto.

## 7 Nosso ponto de partida

Das publicações pesquisadas que tratam dessa temática, selecionamos as produções teóricas que oferecessem contribuições significativas ao desenvolvimento de nosso trabalho investigativo. Nesse contexto, priorizaram-se obras que tratassem dos procedimentos mais consistentes para pesquisa em educação. Debruçamo-nos sobre as contribuições produzidas e coordenadas por Gatti (2005), constantes do livro *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Essa obra traduz as preocupações dos cientistas do campo das ciências sociais que adotam metodologias qualitativas e concebem a técnica do grupo focal como meio de pesquisa em que as redes de interações são privilegiadas.

Analisamos, também, dois relatos de pesquisas desenvolvidas com a utilização do grupo focal e deles retiramos informações e subsídio para nosso trabalho. Os dois relatos são das seguintes pesquisas: “Educação escolar e cultura(s): construindo” e “*Globalização e educação: reforma educacional, justiça social e políticas de inclusão*”, este último desenvolvido pelo Instituto Paulo Freire (IPF).

A partir da descrição das orientações e dos cuidados básicos que precisam ser observados pelo pesquisador ao adotar a técnica do grupo focal, relatamos, a partir daqui, com um certo grau de detalhamento, nossos procedimentos metodológicos: a constituição do grupo focal, a

operacionalização dos encontros e a preparação para análise dos dados coletados.

## 8 A constituição do grupo focal

No caso específico do grupo focal, o cuidado inicia-se com a seleção dos participantes que devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que a participação traga elementos ancorados em suas experiências cotidianas. É preciso ter cuidado também quanto à forma de convite, pois a atividade no grupo focal deve ser atraente para os participantes. A liberdade de adesão é um ponto importante e deve-se estabelecer um pacto de confiança entre os participantes e o moderador/pesquisador.

Convidamos, para fazer parte do grupo de trabalho, educadores que exercem sua docência na educação básica há, pelo menos, dez anos, especificamente licenciados, que ministram as aulas de geografia no ensino fundamental (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries) e/ou ensino médio e que se encontram na condição de efetivos em seus cargos de professores nas escolas paulistanas da rede pública. Sabemos que a (re)construção de um conhecimento profissional tem dimensões teóricas e práticas e é produto de experiência; avaliamos oportuno conhecer a práxis de alguns educadores que fizeram, pelo menos em parte, nossa trajetória e que, supomos, vivenciam os dilemas atuais da nossa profissão. O estabelecimento desses critérios seria necessário para garantir a motivação e qualificação dos participantes para a discussão das temáticas que norteariam o foco do trabalho interativo pretendido em nossos encontros.

O emprego de mais de um grupo pode ser adotado, não excedendo o número de cinco, o que permite ampliar o foco de análise e cobrir

variadas condições que possam ser intervenientes e, ao mesmo tempo, relevantes para o tema. Em face das dificuldades encontradas nesta etapa, optamos pela formação de um único grupo focal, numericamente limitado, porém qualitativo; etapa complementada paralelamente com entrevistas semi-estruturadas com nossos pesquisados.

## 9 A operacionalização dos encontros

Planejamos a realização de quatro encontros com o grupo constituído, para os quais, previamente, pensamos as temáticas, atentos aos nossos objetivos.

Cientes de que o local dos encontros deve favorecer a integração dos participantes, tanto no que se refere ao conforto quanto à disposição dos assentos, que facilitariam as diferentes formas de registro, procuramos agendar locais adequados para tal finalidade e de fácil localização, tendo em vista que nossos pesquisados moram em regiões distintas do município de São Paulo.

Quanto às maneiras de registrar as interações, optamos pela gravação em áudio. Para isso, utilizamos dois gravadores, dispostos adequadamente em relação à distribuição dos membros do grupo no ambiente e investimos na aquisição de aparelhos novos de gravação. Paralelamente, anotações por escrito foram realizadas a fim de nos auxiliar na etapa de análise.

Quanto ao cumprimento das exigências éticas da pesquisa, discutiram-se, em nosso primeiro encontro, as formas de registros. Na introdução dos trabalhos, solicitamos uma autorização, por escrito, de nossos colaboradores

para a utilização e eventual publicação dos depoimentos registrados e garantimos o sigilo de seus nomes para que pudessem sentir-se livres no compartilhamento de seus pontos de vista.

Os encontros realizados tiveram a duração média de três horas, limite máximo de tempo recomendado, e revelaram-se prazerosos; por isso, estarão registrados em nossas histórias de vida.

### 10 O papel do moderador/investigador

Na condução dos trabalhos no grupo focal, é imprescindível a figura do moderador que, preferencialmente, deve ser o próprio pesquisador que atuará como agente facilitador.

Nas pesquisas educacionais, o moderador/pesquisador ou facilitador deve procurar respeitar o princípio da “não-diretividade”, a fim de garantir as interações. Ressalte-se que é por meio das interações que estão ocorrendo no grupo que o caráter positivo dos encontros se evidencia, representando momentos de desenvolvimento para os participantes, tanto nos aspectos “comunicacionais”, quanto nos cognitivos e afetivos (GATTI, 2005).

Em relação à dinâmica, não é recomendado dar aos participantes informações detalhadas sobre o objeto da pesquisa. O estágio ideal do processo de desenvolvimento dessa técnica é induzir os participantes do grupo a se sentirem responsáveis por criar e sustentar sua discussão, sendo a flexibilidade imprescindível à dinâmica do próprio grupo. Nesse sentido, nosso papel como moderadores tem sido o de introduzir o assunto, propondo, no início dos trabalhos, algumas questões pertinentes às temáticas previamente pensadas; ouvir, procurando garantir, de um lado, que os participantes não se afastem muito de seu tema e, de outro, que tenham oportunidade de se expressar, de participar, além de

atuar, na seqüência dos trabalhos, estimulando os debates, desafiando e encorajando os participantes a tratar de determinadas questões.

A formação de que necessitávamos para a condução dos trabalhos nos encontros foi propiciada em nossa trajetória como educadores, tanto na Educação formal, mas principalmente na Educação não-formal, tanto na política quanto sindical; fato que nos trouxe certa segurança e identificação.

## 11 Da organização e análise de dados

No que se refere à etapa de análise de dados, os procedimentos são os mesmos de qualquer análise de dados qualitativos nas ciências sociais e humanas, embora não exista um modelo único e acabado de análise de dados para os grupos focais. Recomenda-se, como primeira atitude para a análise de dados obtidos com o grupo focal, a retomada dos objetivos do estudo e do uso dessa técnica/método, além da organização do material coletado.

Atualmente, estamos organizando o material coletado até o momento. Para tanto, contamos com o apoio técnico de uma estudante universitária que nos tem acompanhado em nossos encontros, realizando anotações por escrito – essenciais para auxiliar nas análises e, após os encontros, nas transcrições das gravações.

Gatti, no capítulo 3º de seu livro (2005), ao tratar da etapa de análise dos dados obtidos com a técnica do grupo focal, discorre sobre a possibilidade da construção de um plano descritivo das falas e sobre os cuidados necessários no que se refere às transcrições, além de reafirmar que a perspectiva interacionista deve ser privilegiada nos grupos focais, recomendando

atenção às seqüências de trocas e às condições contextuais dos momentos grupais em seu processo. Trata ainda de fazer recomendações quanto às codificações ou categorizações, que podem ser estabelecidas, *a priori*, com apoio nas teorizações e, *a posteriori*, por meio do próprio material obtido. A autora adverte o leitor ainda sobre a questão de quantificar categorias, expressões, relatos de experiência e recomendações no procedimento da análise de dados.

À luz dessas recomendações, pretendemos desenvolver esta etapa de análise de dados. Para isso, estamos cientes do esforço que devemos empreender, considerando que não existe um modelo padrão para a aplicação dessa metodologia em construção nas pesquisas educacionais.

## 12 Considerações finais

Nosso primeiro obstáculo foi a dificuldade na constituição do grupo focal. Em face das condições materiais de vida dos nossos pesquisados, pudemos contar com a participação efetiva de sete dos vinte convidados e de apenas um grupo.

Reconhecemos as limitações do grupo focal no que se refere ao estabelecimento de possíveis generalizações, em razão do pequeno número de participantes e pela forma como foram selecionados; entretanto, objetivamos que esta pesquisa, mesmo que modesta, constitua uma contribuição social.

Nossas primeiras impressões com a experiência de adoção do grupo focal são positivas, pois essa técnica/método constitui uma via de mão dupla, ou seja, tanto aprendemos quanto podemos encontrar respostas e proporcionar algumas soluções para aqueles que, porventura,

vivenciam o cotidiano escolar como pesquisadores e/ou profissionais do ensino.

O grupo focal talvez seja a grande oportunidade de os pesquisadores verem, na prática, os efeitos de suas pesquisas e de realizarem o sonho de constatarem o efeito social do seu trabalho. Dessa forma, vislumbramos a construção do caminho na caminhada, com a utilização do grupo focal como técnica, na perspectiva de colaborar na construção do método grupo focal como alternativa nas pesquisas, no campo científico e, particularmente, no educacional.

### **Focus group: an alternative in construction in educational research**

This paper goals to share what we have learned up to now and are still learning in our mode of experience of the focus group as a mean of research into the work's development of scientific research, in the Master's Education Program of the Centro Universitário Nove de Julho (Uninove). In the social research range, among the qualitative approaches, the technique of the focal group is being recently utilized in the educational field as a methodology where the interactions produced by a more flexible guidance of the group are the basic elements of the investigative process.

**Key words:** Focus group. Research methodology. Educational research.

## **Referências**

### **OS QUE CONSTAM ASSINALADOS EM ROSA NÃO ESTÃO NO TEXTO.**

“Educação escolar e cultura(s): construindo”  
**INFORMAR AUTORIA.**

“Globalização e educação: reforma educacional, justiça social e políticas de inclusão”, este último desenvolvido pelo Instituto Paulo Freire (IPF) **INFORMAR AUTORIA.**

BOSI, Éclea. *O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 23, p. 156-168, maio-ago. 2003.

GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil.* Brasília, DF: Plano Editora, 2002. (Pesquisa em Educação, v. 01). **CONFIRMAR CITAÇÃO.**

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.* Brasília: Líber Livro, 2005. (Pesquisa em Educação, v. 10).

NOSELLA, Paolo. Compromisso político e competência técnica: 20 anos depois. In: *EccoS – Revista Científica*, v. 6, n.1, p. 9-24. São Paulo, Centro Universitário Nove de Julho, jun. 2004.

PIMENTA, Selma G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente.* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *Geografia, representações sociais e escola pública.* In: Terra Livre. Política e cidadania. São Paulo: Associação Brasileira de Geógrafos, n.15, p.145-154, 2000.

